

## A (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES TEXTUAIS:

SOARES, Flávia Aparecida

Universidade de Franca  
[flaaresns@yahoo.com.br](mailto:flaaresns@yahoo.com.br)

**Resumo:** Neste artigo, fundamentados em Koch (2009), pretendemos demonstrar como a (re)construção e (re)elaboração de sentidos dos textos, representa escolhas realizadas pelos indivíduos, sujeitos sociocognitivamente situados; e revela as atitudes, crenças, ideias, opinião, valores, etc.; que eles têm a respeito das coisas mundanas e do mundo. Nesse sentido, para que a produção textual seja bem sucedida é necessário que o interlocutor/leitor tenha alguns conhecimentos linguísticos partilhados. Entretanto, de acordo com Marcuschi (2001), em textos orais, o significado pode ser (re)elaborado com mais facilidade. Já em um texto escrito, muitas vezes cabe ao interlocutor/leitor fazer inferências por meio de informações apresentadas no cotexto e também, mediante a recuperação de dados extralinguísticos. Pretendemos analisar especificamente o Processo de Referenciação Textual de texto(s) escrito(s) no Blog do Folhateen <http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br/>. Para isso, partimos do pressuposto de que a Referenciação representa formas específicas que estão focadas em escolhas enunciativas típicas da relação enunciador/linguagem. Tendo em vista essa questão, o presente artigo busca respaldo nas teorias da Linguística Textual e da Referenciação; e em autores que se dedicam à análise do Processo de Referenciação na (re)construção e (re)elaboração de textos.

**Palavras-chave:** Inferências; Linguística Textual; Referenciação; Sentidos; Textos.

### 1 Introdução

Como bolsista, pesquisadora do projeto Observatório da Educação<sup>1</sup> (CAPES/UNIFRAN) e professora de Língua Portuguesa de Escola Pública dos anos finais do Ensino Fundamental e também; como professora do Ensino Médio sempre me questionei sobre a finalidade de alguns textos produzidos em sala de aula, haja vista que, nem sempre os professores de Língua Portuguesa têm tempo suficiente para ler e corrigir determinados textos produzidos por seus alunos. Além disso, o professor de Língua Portuguesa, ao sugerir que os alunos escrevam sobre determinado assunto, às vezes não conhece profundamente sobre o tema, e por isso; nem sempre dá as orientações necessárias aos alunos, dificultando-lhes uma produção bem elaborada.

Neste breve artigo, postulamos também, o quanto a leitura dos textos do Blog do Folhateen é (pode ser) de fundamental importância na sala de aula, nessas séries, pois possibilita(rá) ao aluno, (leitor/produtor) interpretar adequadamente os textos destinados a ele.

Enfim, esperamos também que este trabalho auxilie o professor de Língua Portuguesa no que tange ao uso dos referentes textuais por parte de seus alunos e contribua para que os

---

<sup>1</sup> O Projeto Observatório da Educação (CAPES/UNIFRN) beneficia algumas escolas públicas do Estado de Minas Gerais e do Estado de São Paulo e tem como principal objetivo desenvolver e ampliar as pesquisas acadêmicas que possam contribuir para uma educação de qualidade no país. Maiores informações podem ser encontradas em: <http://www.unifran.br/blog/observatoriodaeducacao/>.

alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, e especificamente aqueles que pretendem ingressar em algum curso de licenciatura, principalmente no curso de licenciatura em Letras, saibam utilizar adequadamente os referentes textuais na (re)construção e (re)elaboração de sentidos dos textos.

## **2 A Linguística Textual**

De acordo com Fávero e Koch (1983), a Linguística Textual é uma ciência que começou a se desenvolver na Europa, a partir de 1960, que toma o texto como objeto de investigação, considerando-o a forma específica de manifestação da linguagem. Nesse momento, esse ramo da linguística passa a se ocupar especificamente com a natureza do texto e com os fatores que colaboram com a sua produção e recepção; e não mais com a palavra isolada ou com as frases.

Porém, em consonância com as autoras houve um percurso de mais de trinta anos, desde que a palavra texto foi utilizada pela primeira vez por Harald Weinrich, autor alemão que define que toda a linguística é necessariamente “Linguística do Texto” e sem dúvida, o surgimento dos estudos sobre o texto faz parte de um enorme esforço teórico, com abordagens diferenciadas, de constituição de outra vertente (em oposição à vertente construída pela Linguística Estrutural); que considerava a língua como sistema e código; e sendo puramente informativa.

No início dos anos 90, a partir das pesquisas realizadas por Van Dijk e Kintsch (1994), se delineou a perspectiva cognitiva do texto, cuja preocupação era explicar os aspectos estruturais e processuais da cognição humana.

Essa tendência tem como precursores no Brasil, Koch e Marcuschi (1998,1999), e levanta questionamentos sobre o(s) conhecimento(s) usado(s) na (re)construção e (re)elaboração do processamento textual, mais especificamente sobre as estratégias e processamentos cognitivos.

Koch (2009) postula também que, as estratégias cognitivas dizem respeito às estratégias de usos do conhecimento. Esse uso, em determinada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimentos construídos a partir do texto e do contexto, do conhecimento linguístico partilhado entre o interlocutor/locutor; e também das atitudes, crenças, ideias, opinião, valores, etc.; o que possibilita, no momento da compreensão do texto, que seja (re)elaborado não apenas o sentido desejado pelo autor/produtor; mas também novos/outros referentes textuais.

## **3 Conceitos de textos**

Poderíamos iniciar este capítulo, apresentando uma definição de texto, de preferência a que, atualmente é mais reconhecida pela Linguística Textual e equivalente à abordada por nós neste artigo.

Porém, conforme Bentes (2004), isso seria o mesmo que “passar uma borracha” no que se refere à evolução do conceito de textos ao longo dos diversos percursos da linguística até se chegar ao que se denomina Linguística Textual propriamente dita; de modo que, consideramos relevantes as seguintes concepções de textos.

Para Fávero e Koch (1983), texto não é um termo que admite um único significado e são vários os autores que procuram defini-lo.

Segundo as autoras, a palavra texto às vezes é entendida por alguns pesquisadores como sinônimo de discurso, outras vezes não e isso pode gerar várias confusões.

O texto em sentido amplo designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc...), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor ou pelo (locutor e interlocutor, no caso de diálogos) e o evento de sua enunciação. (FÁVERO e KOCH, 1983, p. 25).

Em consonância com Fávero e Koch (1983) é de extrema importância distinguir entre a expressão texto e discurso, tendo em vista que o discurso é manifestado através da linguagem verbal em sentido estrito e o texto deve ser entendido como qualquer manifestação escrita ou falada, que possua um todo de significado independente de sua extensão. O texto é, pois, uma extensão comunicativa cotextual e contextual caracterizada por vários princípios que fazem com que seus sentidos sejam apreendidos, (os princípios de interpretabilidade).

De acordo com Bentes (2004), em um primeiro momento, que englobou as pesquisas desenvolvidas no período da análise transfrástica e da construção das gramáticas do texto, os pesquisadores acreditavam que as propriedades responsáveis pela definição de textos estavam imbricadas, principalmente entorno do material linguístico, podendo existir sequências de frases coerentes entre si (consideradas como textos) e sequências de frases incoerentes entre si, o seja, os chamados (não-textos).

Por sua vez, Koch (2009) observa que, nesse primeiro momento, a concepção de texto variava de uma “unidade linguística” (do sistema) superior às frases até um “complexo de informações semânticas”.

Bentes (2004) ressalta que essa definição de texto, relaciona-se aos aspectos material e formal dos textos e que os textos eram entendidos como uma unidade que, teoricamente de tamanho ilimitado, era concebida, de um modo geral, como delimitada com um final explícito pela posição das palavras nas frases; de modo que o texto, ainda era visto como um produto pronto e acabado e não como uma forma de processamento verbal.

Weinrich (1971), por exemplo, defendia que os textos eram um complexo de proposições semânticas que possuíam as seguintes características: “a seqüência coerente e consistente dos signos linguísticos; b) a delimitação por interrupções significativas na comunicação; c) o status do texto com maior unidade linguística”. Weinrich (1971 apud BENTES, 2004, p. 253).

Para a autora, embora esse conceito de texto considere as delimitações linguísticas e o status de texto como resultado de uma unidade linguística mais ampla, essa abordagem ainda estava relacionada à primeira fase da Linguística Textual, pois se desconsiderava os processos responsáveis pela elaboração dos textos, ou seja, o fato de que “o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção”. Leontév (1969 apud BENTES, 2004, p. 254).

Atualmente, os pesquisadores da Linguística Textual consideram que os textos somente podem ser compreendidos se levarmos em consideração os diversos fatores responsáveis pela sua produção, ou seja, o texto somente se concretiza durante a interação verbal.

Koch (2009) postula que o texto deve ser compreendido como parte dos processos mais globais de comunicação, ou seja, mediante sua construção, elaboração e verbalização.

Em uma segunda fase que visa à elaboração de uma teoria do texto, o conceito de textos é totalmente modificado e passa a ser o seguinte:

- a. a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades.
- b. trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios

adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal.

c. é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção verbal. (KOCH, 2009, p. 26).

Para a autora é a partir dessa perspectiva que se pode afirmar que os textos são provenientes do processo de interação verbal, e que são elaborados a fim de atingirem determinadas práticas sociais. Os textos deixam de ser designados como “produtos”, e passam a ser concebidos como um “processo”, visto que é no “processo” que o texto se “cria”, ou seja, se “constitui” de fato um texto.

#### 4 Referenciação: Pressupostos teóricos

Neste artigo, partimos da hipótese de que os Processos de Referenciação são mecanismos textuais imprescindíveis para a (re)construção e (re)elaboração dos sentidos de um texto, de modo que, adotamos uma abordagem de Referenciação equivalente a de “processo”, na qual, os referentes são vistos como objetos do discurso, que se apoiam e surgem no interior de bases cognitivo- discursivas.

A questão da referência é um termo clássico da filosofia da linguagem, da lógica e nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema da representação do mundo, de verbalização do referente<sup>2</sup>, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (*o mundo*). A questão da Referenciação<sup>3</sup> opera um deslocamento em relação a este primeiro quadro: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores. Mondada (2001, apud KOCH, 2005, p. 34).

Nesse sentido, nota-se que é no interior dessas operações que os interlocutores elaboram os objetos de discurso<sup>4</sup>, ou seja, as entidades não devem ser vistas como expressões referenciais que denotem os objetos do mundo e sim como entidades produzidas pelos participantes na interação verbal.

Com respaldo nesse pressuposto teórico, o importante é compreendermos “o que fazemos com a linguagem, o que a linguagem permite em termos de construção conceptual do mundo, como nossos comportamentos e nossas necessidades levam a um tipo de interação linguística com o mundo”. (ARAÚJO, 2004, p. 198).

---

<sup>2</sup> Consideramos em nossas análises a expressão *referente* e *objetos de discurso* como sinônimas, o que confirma que o nosso pensamento está em consonância com a noção de objeto de discurso proposta por Mondada (2005) e, ao mesmo tempo, nos afasta da noção de referente como sendo um objeto da realidade.

<sup>3</sup> Essa ideia de Referenciação foi primeiramente introduzida por Mondada e Dubois (2001).

<sup>4</sup> Para Mondada (1994), “Os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas na e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva” (1994, apud Koch, 2005, p. 34). Observamos em todas as pesquisas consultadas que as expressões objetos de discurso e objetos do discurso são equivalentes, por isso, assim, também em nossa pesquisa as duas expressões serão utilizadas como sinônimas. (grifos nossos).

O sentido entre as palavras e as entidades do (no) mundo não está elaborado/pronto, mas é (re)construído no instante da interação verbal em que os sujeitos-sociais partilham de seus conhecimentos e valores.

Tendo em vista essa questão, o sujeito (leitor/produtor) de texto(s) usa(rá) os referentes textuais de acordo com a visão e conhecimento de mundo que possui; embasado nas “leituras<sup>5</sup>” realizadas ao longo de sua vida. Por isso, consideramos fundamental a inclusão de diferentes práticas de leitura nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, haja vista que a incorporação das novas tecnologias em sala de aula pode auxiliar no processo de construção de leitores/produtores de texto(s) e os auxiliarem para que, ao ingressarem no Ensino Superior, já saibam utilizar adequadamente os referentes textuais.

Em convergência com Cavalcante (2000), os objetos de discurso se modificam à medida que se modifica o estado da memória discursiva (ou dos esquemas que vão se ampliando ao longo da enunciação). “(...) O que identifica o referente é, agora, a bagagem do conhecimento sobre o assunto de que dispõem os interlocutores a cada momento da interação. O reconhecimento do referente ou do (objeto de discurso) é o produto de uma interação entre o falante e seu ambiente”. (APOTHÉLOZ e REICHLER-BÉGUELIN, 1995 apud CAVALCANTE, 2000, p. 73-74).

O leitor/produtor de texto(s) instaurado como sujeito social sempre utiliza(rá) os referentes textuais de acordo com suas atitudes, ideias, crenças e pontos de vista; e em seus textos procura(rá) defender os valores construídos em torno das coisas mundanas e da sua relação com (no) mundo em que vive.

Nesse sentido, em nossa pesquisa a Referenciação é considerada conforme (Koch, 2002, 2004, 2005, 2009, 2010) uma “atividade discursiva”: na qual a língua é criada numa instância comunicativa em que os sujeitos aplicam seus conceitos às expressões linguísticas e não linguísticas transformando-as em objetos de discurso.

A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material lingüístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados e coisas com vistas à concretização de sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas dos sujeitos em função de um querer-dizer. (KOCH 2005, p. 34-35).

Ao falar ou produzir textos, os interlocutores instaurados como sujeitos sociais, na verdade, estão textualizando o mundo, de modo que, a noção de língua não está centralizada apenas no código, contribuindo assim, para a construção/reconstrução dos referentes textuais.

## **5 Um breve histórico sobre o blog**

A evolução no que tange à concepção de linguagem, e conseqüentemente, a noção de textos, e o surgimento de novas ferramentas propiciaram/propiciam novas e diferentes formas de comunicação, por exemplo; (o uso do computador e da internet), que, atualmente são imprescindíveis para a (re)construção e (re)elaboração de referentes textuais no mundo atual e o surgimento dos textos de blog têm sido cada vez mais importante, haja vista que os textos de blog, e mais especificamente; os textos do Blog do Folhateen podem contribuir para a (re)construção e (re)elaboração de textos por parte de seus interlocutores/leitores.

---

<sup>5</sup> Ao usarmos essa expressão, queremos expressar todos os conhecimentos e valores que o indivíduo (sujeito social) possui e como ele expressa sua visão de mundo nos textos por ele produzidos. (Grifo nosso).

De acordo com Silva (2009), o blog pode ser considerado uma espécie de diário virtual na qual o autor/produtor pode publicar diversos tipos de textos e no Brasil, os blogs começaram a ser escritos a partir dos anos 2000.

O blog é uma página web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. O conteúdo e tema dos blogs abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, idéias, fotografias, enfim, tudo que a imaginação do autor permitir. Usar um blog é como mandar uma mensagem instantânea para toda a web: você escreve sempre que tiver vontade e todos que visitam seu blog têm acesso ao que você escreveu. Komesu (2005 apud SILVA, 2009, p. 24).

Nesse sentido, o Blog do Folhateen pode ser considerado um site interativo em que os autores/produtores de textos publicam o que pensam sobre os mais diversos assuntos e dessa forma atingem também diversos tipos de indivíduos/sujeitos; possibilitando o surgimento de novos/outros textos.

## 6 Justificativa do corpus de análise

Esta pesquisa é um recorte de nossa dissertação de mestrado<sup>6</sup> e justifica-se pelas seguintes formas:

a) Acreditamos que a análise dos textos postados do Blog do Folhateen pode auxiliar aos professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no que tange à incorporação das novas tecnologias em sala de aula, a fim de propiciar aos alunos/sujeitos, leitores/produtores no que tange a um interesse maior pela leitura e produção de textos e também; os auxiliar na importância do uso adequado de referentes nos textos.

b) Contribuir para que os professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino fundamental e do Ensino Médio possam se interessar pela análise dos Processos de Referenciação Textual e sugerir que os textos do Blog do Folhateen possam ser utilizados como um suporte de apoio para a (re)construção e (re)elaboração de textos produzidos por adolescentes/alunos que estejam cursando as séries em questão.

c) Multiplicar as produções acadêmicas que visam à investigação dos Processos de Referenciação Textual e assim, possibilitar que os alunos ao terminarem o Ensino Médio, principalmente aqueles que desejam ingressar no curso de licenciatura em Letras saibam ler e produzir textos utilizando adequadamente os Processos de Referenciação Textual.

## 7 A (re)construção e (re)elaboração de referentes no texto: Os livros de Mary Hogan

Neste artigo fizemos um recorte dos textos postados no Blog do Folhateen <http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br> e escolhemos para análise o texto: **Os livros de Mary Hogan**. A escolha deste texto se deve ao fato de pretendermos mostrar que é imprescindível ao autor/produtor no processo de (re)construção e (re)elaboração de seus textos empregar adequadamente os referentes textuais, haja vista que, o uso inadequado de algum referente pode comprometer na leitura e entendimento do texto.

---

<sup>6</sup> Nossa pesquisa intitulada: O Processo de Referenciação em textos do Blog do Folhateen ainda se encontra em processo de elaboração.

Desse modo, apresentamos a seguir o texto escolhido para análise e algumas considerações relevantes no que tange ao uso dos Processos de Referenciação Textual para (re)construção e (re)elaboração dos referentes textuais no texto.

### **Os livros de Mary Hogan**

**15/08/2011**

Nas **últimas férias** [1], **me** [2] acabei de ler. Nada mais agradável para **uma louca por livros** [3] do que poder ler **todos aqueles títulos** [4] que foram esquecidos **durante o semestre** [5] por conta **da escola** [6], **dos estudos** [7], da **falta de tempo** [8]... **É nessa época** [9] também que **eu** [10] posso gastar hoooooras **na livraria** [11] pesquisando **novos autores** [12], sentindo cheiro de **livro novo** [13] (juro que sinto!) e comparando as **capas mais atraentes** [14].

Foi **nessa dita circunstância** [15] que conheci **Mary Hogan** [16], **autora de livros** [17] para o **público teen** [18], especialmente o **feminino** [19]. O estilo **dela** [20] mistura o “clássico” [21] de **Meg Cabot** [22] com o “cômico” [23] de **Thalita Rebouças** [24].

O humor em primeira pessoa é valorizado e as **histórias comuns** [25] tratadas pela **escritora** [26] são facilmente relacionadas com as experiências de **muitas leitoras** [27].

Dentre os **títulos** [28] publicados por **Mary Hogan** [29], destacam-se “**Um Beijo para Valer**” [30] e “**Rosto Bonito**” [31], mas em minha opinião, o melhor deles é... “**Garota Perfeita**” [32].

**Ruthie Bayer** [33] é uma **típica garota de 14 anos** [34], moradora de **Delaware** [35] e **estudante** [36] de uma **pacata escola** [37] **da cidade** [38]. Mora com **sua mãe** [39], com quem não se dá muito bem e tem **duas melhores amigas** [40], **Celeste e Frankie** [41].

Tudo ia monotonamente bem até que a vida **da menina** [42] fica de pernas pro ar. **Jenna** [43], uma “**garota perfeita**” [44] acaba de entrar **no colégio** [45] e despertar o interesse de **todos os meninos** [46], inclusive de **Perry** [47], **vizinho** [48] e **melhor amigo** [49] de **Ruthie** [50], por quem **ela** [51] descobriu estar perdidamente apaixonada.

O que fazer nessa situação? **Ruthie** [52] só consegue pensar em uma solução: pedir ajuda para sua **Tia Marty** [53], **especialista em relacionamentos** [54]. **A menina** [55] passa por uma completa transformação de vida e é obrigada a rever muitos conceitos. **Ela** [56], então, descobre que é preciso muito mais do que **beleza e delicadeza** [57] para ser uma **verdadeira deusa** [58].

Quer saber como termina?

Fica minha dica para quem gosta de **uma leitura leve e descontraída** [51]: o **novo destaque da literatura juvenil** [60], **Mary Hogan** [61].

*Por Nanda Carneiro*

[Visite o site do Folhateen](#)

Escrito por Mayra Maldjian às 17h26

Pudemos observar que nesse texto há um equilíbrio entre o uso da introdução de um elemento novo e também do uso de retomadas textuais, haja vista que, o autor/produtor do texto fez a introdução de **33** referentes novos e de **29** retomadas textuais.

Em consonância com Koch e Elias (2009, 2010), e com Cavalcante (2011), todas às vezes que aparece uma expressão ou palavra nova no texto, que não se relaciona diretamente a nenhum elemento anterior do cotexto, essa expressão deve ser considerada como introdução de um referente textual, e todas às vezes que aparece um elemento novo no texto, quando esse elemento faz menção a um conteúdo precedente, nesse caso têm-se uma retomada textual.

Nesse sentido é que as expressões [1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 27, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 39, 40, 43, 46, 47, 53, 57, 58, 59 e 61] são consideradas por nós como **introdução de um novo referente** no texto e as expressões [4, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 20, 25, 26, 28, 29, 34, 36, 38, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 60 e 62] são consideradas como **retomadas textuais**.

A expressão [60] pode também ser considerada um encapsulador e é denominada por Francis (2003) como **rótulo**, pois aponta para a informação apresentada em [61] e também **encapsula** mesmo que implicitamente, todas as informações precedentes no cotexto no que se refere ao uso dos referentes: títulos, livros e obras de Mary Hogan.

Gostaríamos de ressaltar que, a expressão [2], classificada por nós como **introdução de um referente textual**, não está sendo utilizada no texto conforme as normas prescritas pela Gramática Normativa, porém, esse uso informal do pronome “**me**” quer seja pelo conhecimento partilhado entre os interlocutores/leitores, quer seja por esse texto se tratar de um texto escrito por uma adolescente e publicado em um blog destinado, principalmente ao público jovem, em que o tipo de linguagem predominante é a linguagem informal, possibilita que os interlocutores/leitores entendam que o autor/produtor do texto não acabou de “ler a si mesmo”, mas os livros de Mary Hogan.

Já a expressão [1], embora se trate da **introdução de um elemento novo** no texto, nos remete ao título do texto e poderia também ser classificada como uma espécie de **retomada implícita**. (Grifo nosso).

Em [3, 22 e 24] temos a **introdução de um novo referente por nominalização**, porém, as expressões [22 e 24] funcionam como **categorização** de um novo referente, pois não estão correlacionados a nenhum referente do texto. Já [3] é classificado por nós como **recategorização do referente**, que segundo Cavalcante (2005) transforma um referente já mencionado no cotexto, de modo que, embora [3] seja uma introdução de um novo referente está correlacionada ao uso inadequado da expressão [2].

As expressões [19 e 43] também são consideradas por nós como **encapsulamento**, haja vista que [19] encapsulam as informações apresentadas em [16, 17 e 18] e [43] encapsula [32 e 44].

Em [49] temos a **recategorização** de [47 e 48].

As expressões [4, 9, 10, 15, 17, 20, 26, 29, 42, 45, 48, 49, 51, 54, 55 e 56] são **retomadas textuais por meio de substituição** ao um elemento precedente no cotexto. Constatamos também que é a primeira vez que a autora usou a expressão anafórica [56] de maneira adequada, retomando os referentes [52 e 55], o que não acontece em [51], pois em [51] o **pronome anafórico ela** gera ambiguidade, pois não fica explícito a quem se refere; levando o interlocutor/leitor a questionar-se a respeito de: Jenna está apaixonada por Ruthie ou está apaixonada por Perry?

Neves (2006) defende que o uso de uma **expressão anafórica pronominal de 3ª pessoa**, como em [51], por exemplo, só será bem entendido se estiver explicitando algum referente já mencionado no cotexto sem gerar dúvidas no leitor.

A expressão [15] pode ser considerada uma **rotulação/sumarização** de todas as informações seguintes do parágrafo, haja vista que está resumindo tudo o que aconteceu “**nessa circunstância**”.

Já as expressões [5, 6, 8 e 11] correspondem ao que Cavalcante (2011) denomina de **dêixis textual**, assunto sobre o qual não nos aprofundaremos neste artigo.

Em [28, 36, 38, 50 e 52] percebemos que as **retomadas são feitas por meio de sinônimos**. Entretanto, gostaríamos de chamar a atenção para o uso da expressão [28] que é utilizada pelo autor como sinônimo de livros no título do texto e, de certa forma, [28] **rotula/sumariza** todos os livros de Mary Hogan.

Chamamos a atenção também para o uso da expressão [25] que **retoma** [21 e 23] e **rotula/sumariza** o tipo de textos escritos por Mary Hogan

Nas expressões [16, 25, 34 e 44] temos o uso de **retomadas por nominalização**. Esse tipo de **retomadas** acontece quando um **referente textual** é introduzido no texto e mais adiante é **retomado** por outro nome ou outro **referente** que corresponde aos elementos precedentes no cotexto.

## 8 Considerações finais

Buscamos neste breve artigo, com embasamento teórico na Linguística Textual e na teoria da Referenciação refletir sobre a relação linguagem/mundo e as diversas formas que os indivíduos/sujeitos ao produzir textos expressam suas atitudes, crenças, ideias, opiniões, valores e etc.

Além disso, o artigo pretendeu mostrar que as novas tecnologias foram/são imprescindíveis para a evolução do conceito de linguagem e conseqüentemente, para a maneira como analisamos e produzimos textos, pois possibilita a inter-ação entre os interlocutores/leitores e colabora para a expansão dos conhecimentos e práticas linguageiras.

Entretanto, gostaríamos de salientar que este artigo é apenas uma tentativa de demonstrar que a Linguística Textual e a teoria da Referenciação são de fundamental importância para a (re)construção e (re)elaboração dos objetos de discurso, e os textos disponíveis no <http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br> podem auxiliar o professor de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio no que se refere à árdua tarefa de formar leitores/produtores de textos sociocognitivamente situados no mundo; e também possibilitar que os alunos, sujeitos sociais ao terminarem o Ensino Médio, principalmente aqueles que pretendem ingressar no Curso Superior de licenciatura em Letras saibam utilizar adequadamente os Processos de Referenciação Textual ao produzirem seus textos.

Ressaltamos também que, muitos aspectos no que diz respeito aos processos de (re)construção e (re)elaboração dos objetos de discurso não foram discutidos e/ou problematizados neste artigo, porém, isso não impede que outros pesquisadores e/ou professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e/ou dos cursos de licenciatura em Letras possam investigá-los e trabalhá-los com seus alunos.

## 9 Referências

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

BENTES, A. C. Linguística textual. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 245-282.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação sobre coisas ditas e não ditas**. 2011. [No prelo].  
\_\_\_\_\_. Anáfora e dêixis: Quando as retas se encontram. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149.

\_\_\_\_\_. **Expressões indiciais em Contextos de Uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical dos grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Referenciação e orientação argumentativa. In: \_\_\_\_\_; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

\_\_\_\_\_.; DUBOIS, D. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

MALDIJIAN, Mayra. **Os livros de Mary Hogan.** Disponível em: <http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br/>. Acesso em: 22/08/2011

SILVA, F. M. **O leitor de blog:** Um estudo com base nos blogs mais acessados no Brasil. 2009. 158f. Tese (Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2009.

\_\_\_\_\_. **Processos de referência:** anáforas associativas e nominalizações. 2003. 256f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

